

É comum se experimentarem algumas formas de resistência à leitura do texto kleiniano. Uma delas, mais explícita, deve-se ao que Smirnoff descreveu como *carnificina*, *baile sangrento*, em que o *visceral* – em suas diferentes versões – ocupa o lugar principal. Não foi, pois, por mero acaso que Lacan a batizou de *tripeira inspirada*. Outra – menos explicitada – deve-se à maneira como mistura, sem qualquer aviso prévio, descrições experienciais, clínicas e especulações metapsicológicas, confundindo bastante o leitor. “Não se distinguindo um plano do outro, a tendência é para certo dogmatismo, pois quase tudo o que Melanie Klein afirma aparece como totalmente fundado na observação – e esta seria indiscutível” (p. 53). No entanto, sua obra é leitura obrigatória para qualquer psicanalista sério, seja ele freudiano, de linhagem francesa, americana ou inglesa. Basta dizer que autores do porte de Winnicott e Bion, sem a passagem por ela, não seriam quem são. Melanie é, nesse sentido, quase tão essencial à psicanálise quanto o próprio Freud.

Entretanto, como poucos se dão ao trabalho de ler os seus textos com o cuidado necessário, disseminam-se as simplificações de seu pensamento. Assim, é corriqueiro tomar-se a sobreposição/dominância das posições por uma evolução linear (da *esquizo-paranóide* evolui-se para a *depressiva*, pura e simplesmente) e banalizarem-se os mecanismos de defesa primitivos (quando a no-

Melanie Klein: a “tripeira inspirada” em versão iluminista

Resenha de Elisa Maria de Ulhoa Cintra e Luis Cláudio Figueiredo, **Melanie Klein – Estilo e Pensamento**, São Paulo, Escuta, 2004.

ção de *identificação projetiva*, generalizada, perde a sua singularidade e rigor).

Também a clínica kleiniana é capaz de provocar narizes torcidos, desde o célebre relato do caso Richard (*Narrativa da análise de uma criança*) em que – sem a menor cerimônia e sem quaisquer mediações – na interpretação de Melanie, uma estrela do mar virava um bebê voraz e uma planta marinha, seios maternos (isso, apenas à guisa de exemplo). Lacan falava num *greffe* (enxerto), operado pela palavra do analista no psiquismo do paciente.

Numa vertente oposta, os analistas kleinianos sempre formaram um mundo à parte, num nível de ortodoxia beirando, por vezes, o fanatismo.

Esta é, talvez, a maior vantagem dos autores deste livro: não serem kleinianos. Tendo um trabalho teórico-clínico mais inspirado pelo *Middle Group* inglês (e nos últimos tempos por André Green, em sua tentativa de fazer a mediação desses autores com Freud), mas reconhecendo os méritos de Melanie, possuem um nível de distanciamento que lhes permite, além de uma pesquisa ri-

psicanálise no desenvolvimento do seu texto. E, como os autores consideram Melanie “uma espécie de iluminista radical” (p. 173), é como se a sua teoria encontrasse, aqui, uma relação mais consonante entre conteúdo e forma (tal qual possivelmente seria, tivesse Melanie tido uma formação universitária). Isso possibilita um afrouxamento de todas aquelas resistências comumente produzidas pela obra kleiniana, além de lhe restituir uma complexidade e um rigor que permaneciam obscurecidos por tantas simplificações do seu pensamento.

O livro inicia-se com uma introdução de Elias Mallet de Rocha Barros, ressaltando as qualidades e articulações internas do texto. Seguem-se alguns esclarecimentos dos autores sobre o projeto de escrevê-lo, em que explicitam sua não-filiação kleiniana e, ao mesmo tempo, seu reconhecimento da grande importância da obra de Melanie, agradecimentos a colaboradores, etc.

“Melanie: algumas informações introdutórias” constitui uma pequena biografia de Melanie Klein, desde seu nascimento em Viena, em 1882, até a sua morte, em Londres, em 1960. Penso que a maior importância desse capítulo seja realizar uma articulação importante entre eventos da vida da autora e a sua produção. A aplicação do método psicanalítico em seu filho caçula Erich (numa época em que esse tipo de intervenção não era condenável), gerou o seu primeiro texto escrito,

além do ingresso na psicanálise. A perda do filho Hans, em 1934, numa escalada de montanha (num tipo de morte que poderia ser interpretada como suicídio) funcionou como pano de fundo para suas elaborações teóricas sobre o luto. E não seria irmos longe demais – embora o livro não afirme isso, em momento algum – vemos na relação conturbada com sua filha Melitta (que, também psicanalista, atacou a mãe/rival de todas as formas possíveis) um ingrediente indispensável nos seus escritos sobre a *inveja*. No todo, ficamos com a impressão de alguém capaz de tirar proveito do sofrimento e de usá-lo de forma criadora, ainda que com algum viés inevitável?

“Melanie Klein, a psicanálise e o movimento psicanalítico internacional: dados históricos”, como o próprio título revela, descreve as várias etapas da obra kleiniana, pontuando a sua atuação pelas várias cidades que habitou (Budapeste, Berlim e Londres). Enfatiza, entretanto, a morada londrina: a oposição que sofreu dos freudianos (especialmente do grupo liderado por Anna Freud e da filha Melitta, aliada a Edward Glover); a formação do seu grupo de apoio e a difusão de sua obra pelo mundo³.

“Apreciação introdutória do estilo de pensamento e de escrita” descreve-nos, justamente, as resistências inspiradas pelo estilo kleiniano (aquilo

de que falei no início desta resenha), enfatizando, entretanto, a importância dessa *psicanálise do infantil*, reveladora dessa criança-presente-no-adulto “...com quem precisamos desesperadamente entrar em contato, não só como reserva vital, como fundamento de nosso idioma mais arcaico, precioso recurso contratransferencial que pode ser colocado a serviço de nossos pacientes” (p. 56).

“Pequena reconstituição da história dos sistemas kleinianos” constitui o capítulo central do livro, sendo, por isso mesmo, o mais longo. É percorrendo-o que percebemos toda a complexidade da obra kleiniana, aqui descrita por meio de diferentes sistemas que, através do tempo, compuseram-na.

Desde a década de 1920, Melanie preocupa-se com a desmesura da mente do bebê: excesso pulsional, *voracidade* lançada sobre os objetos e capaz – por um movimento reflexo – de produzir um superego precoce (o *devorar* retornando e internalizando-se como *ser devorado*). Trata-se de um recém-nascido, assaltado por violências pulsionais sem ter, ainda, um aparelho psíquico pronto para lidar com elas⁴. “Lei da selva” (em que predomina a pulsão de morte, destrutiva, devoradora), reino de objetos parciais a serem meramente consumidos, transbordamento libidinal de partes do corpo infantil sobre esses mesmos objetos, produzindo as primeiras relações simbólicas: complexidade desse universo de trocas incessantes, formado pelo

bebê e seu mundo. Ódio e destrutividade (devoração) preponderando nas etapas pré-genitais, cedendo lugar, paulatinamente, ao amor e à consideração quando o bebê se torna capaz de reconhecer a mãe e, por consequência, um terceiro *estranho* (não-mãe), tendo origem a primeira triangulação e as relações do objeto total (com o cuidado e o desejo de reparação). E a mãe, vista como ego-auxiliar necessário, capaz de conter os transbordamentos pulsionais do bebê: quem disse que Melanie, à sua maneira, não considerava o ambiente?

Na década de 1930, acontecem – além das primeiras sistematizações sobre a técnica kleiniana – as teorizações sobre os dois tipos de angústia: a persecutória e a depressiva. O mecanismo de projeção passa a ser considerado o mecanismo principal de interação da criança com o ambiente, sua forma de distribuir amor e ódio sobre ele. Também é caracterizado o conceito de *posição*, que designa “uma nova colocação perante o objeto. Na posição paranóide, estar diante do objeto indicava o seu consumo e, inversamente (...), o medo de sua perseguição, pois as partes excluídas e maltratadas vinham a se tornar uma fonte de ameaças. Na posição

depressiva, estar diante do objeto é antes de tudo reconhecê-lo como alguém que desejo preservar e que posso perder” (p. 80). Mas o desejo de preservar e reparar os objetos danificados pode ser solapado pelas defesas maníacas, que desejam realizar isso magicamente, pela mera anulação dos ataques realizados. Pois, reparar o objeto danificado implica inserir os processos psíquicos no tempo e na transitoriedade, tomando necessária a elaboração do luto já que, com isso, sempre algo se perde e algo se ganha. O luto implica, nesse sentido, a “aceitação de uma morte e de algum tipo de renascimento” (p. 93). É pela necessidade de negar a morte que as defesas maníacas ganham espaço. E é pela firme introjeção de uma objeto bom, que a capacidade de amar e reparar da criança poderá sobrepujar as defesas maníacas e os retornos frequentes à posição paranóide. Por *objeto bom* entende-se “...o nome da experiência de satisfação introjetada e convertida em uma fonte de bem-estar e segurança...” (p. 84). Com o objeto bom firmemente introjetado, a estabilidade interna cria melhores condições para a aceitação da transitoriedade mundana.

Na década de 1940, a posição esquizóide recebe o seu nome definitivo: *esquizo-paranóide*, cunhando-se o conceito de *identificação projetiva* e ressaltando-se os mecanismos es-

quízoides e os paranóides. Na identificação projetiva, dada a violência das pulsões, partes insuportáveis do *self* (designando aqui um conglomerado egoíde) são cindidas e projetadas no ambiente, para que este realize algum tipo de processamento desses aspectos não tolerados. Essas cisões separam o bom do mau, o amor do ódio, protegendo o ego frágil pelo isolamento (mecanismos esquizóides). Mas os aspectos maus projetados tendem a retornar de forma persecutória (mecanismos paranóides). As cisões do ego (ou excisões, melhor dizendo) criam um empobrecimento e um estado de desintegração egóica, podendo levar à esquizofrenia. É, novamente, o apelo à introjeção do objeto bom que irá garantir a possibilidade de gradativa integração egóica. Mais adiante será desenvolvida a idéia do entrelaçamento e sobreposição das duas posições: esquizo-paranóide e depressiva, durante toda a vida, sendo mais correto se falar em *dominância* alternada de uma delas, em diferentes períodos de vida.

Na década de 1950, ocorrem, finalmente as elaborações sobre *inveja* e *gratidão*. O conceito de inveja é aquele que mais enraíza o pensamento kleiniano na dimensão biológica, dada sua articulação à *intensidade da voracidade* infantil (que ela acha poder estar ligada ao metabolismo e ao equilíbrio hormonal do recém-nascido), bem

como à descontinuidade entre vida intra e extra-uterina, por meio do nascimento (outro acontecimento constitucional), quando um estado de plenitude é perdido. A equação aí é: quanto mais intensa a voracidade, maior a insatisfação, com conseqüente ressentimento, ódio e desejo de atacar o objeto frustrante. Diferentemente de Freud, que descreve a inveja como inveja do pênis, para Melanie ela é, primariamente, inveja do seio, só posteriormente, e por deslocamento, passando a englobar a equação seio-pênis (como símbolos de *vida*). Com a maior integração do ego e o surgimento da culpa e do desejo de reparação, a inveja tende a ceder lugar à gratidão. Se a inveja estraga a fruição do objeto pelo desejo de destruí-lo, a gratidão é, ao contrário "...o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo" (p. 133).

"Considerações gerais sobre alguns aspectos do conjunto do sistema kleiniano" aprofunda a articulação entre os seus conceitos, nas transformações sofridas pela teoria, tecendo considerações sobre a grande importância do *corpo* na teoria kleiniana (as sensações corporais compondo o tecido mais arcaico da *fantasia inconsciente*), avaliando diferenças de Freud (posição central da *inveja* para um, do *desejo* para o outro; diferentes concepções do complexo de Édipo), de Winnicott e Bion, etc.

"A clínica kleiniana: estilo, técnica e ética" descreve a clínica do *aqui e agora* (o que isso significa, de fato) e as habilidades necessárias ao analista kleiniano, bem como os riscos que carrega de se tornar um clínica *intrusiva* e *autoritária*. Finaliza falando-nos sobre a *introjeção do vínculo parental* (finalidade maior da análise kleiniana), paradoxo da "aceitação de uma dependência fundamental dos objetos de cuja aliança se está sempre parcialmente excluído" (p. 187).

"O pensamento kleiniano sobre sociedade e cultura: vida institucional, ética, política e estética", finalmente, aborda concepções do grupo kleiniano referentes à vida em sociedade, à ética do bem-estar comum e à estética (produções de obras de arte e bens culturais), garimpando uma bibliografia pouco conhecida e divulgada.

No final, temos a sensação de estar diante de um desses universos misteriosos, turbilhonantes, feitos de circunvoluções complexas, em que assistimos o caos pulsional gradativamente tomar forma, a partir de um fundo ilimitado. Caleidoscópio da vida.

NOTAS

1. *Iluminismo sombrio* designa aí, em Freud, a "...tênue divisória que separa o fascínio pelo não-racional da intenção de dominá-lo e esclarecê-lo", num "jogo complexo entre sombra e luzes" (Loureiro, Inês *O carvalho e o pinheiro – Freud e o estilo romântico*, São Paulo, Escuta/Fapesp, 2002, p. 349).
2. Os autores revelam o quanto Melanie, em função de uma forte depressão, nunca conseguiu cuidar de forma satisfatória dos dois filhos mais velhos, Hans e Melitta (que ficaram praticamente abandonados por ela e confiados à avó materna), tendo somente realizado isso com o caçula, Erich. Isso pode lançar luz sobre várias questões: a morte (suicídio?) de Hans e o ódio invejoso com que sua filha Melitta a atacou durante anos a fio. Em mim, mobilizou, além disso, a impressão de que a tendência kleiniana em afirmar uma base constitucional para a inveja pode ter advindo, *em parte*, de uma dificuldade própria em reconhecer e elaborar o seu quinhão de responsabilidade na produção da inveja de Melitta (já que deu a Erich e à psicanálise um investimento amoroso que não pôde dar à filha). Nesse sentido, a teorização biologizante pode ter funcionado como um ótimo mecanismo de defesa contra a culpa. Conjeturas de um analista com fortes tendências winnicottianas, tenho de confessar...
3. Aliás, esse conluio entre Melitta e Glover – que era seu analista – na difamação de Melanie nos evidência, já nessa época, o quanto analistas usavam de seus poderes transferenciais em lutas pelo poder.
4. Aí jaz, talvez, a maior diferença de Winnicott, para quem o recém-nascido ainda não experimenta – *por natureza* – quaisquer transbordamentos ou conflitos pulsionais; apenas possui *necessidades básicas* que precisam ser atendidas e uma *continuidade-de-ser* que precisa ser preservada pela *mãe suficientemente boa*.

Alfredo Naffah Neto é psicanalista, mestre em Filosofia pela USP, doutor em Psicologia Clínica e professor titular pela PUC-SP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica.